ANO 48.º — N.º 2133

Sábado, 18 de Fevereiro de 1950

VISADO PELA CENSURA

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp. - IMP. UNIVERSAL - AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

Aspectos do problema do Turismo

A Assembleia Nacional vai ocupar-se, em breve, do problema do turismo em Portugal. O deputado, sr. dr. Paulo Cancela de Abreu apresentou um pedido de aviso prévio sobre este assunto que possivelmente obrigará à generalização do debate. A resolução do problema do turismo vai entrar, portanto, na ordem do dia.

'A imprensa regionalista não pode ficar indiferente à discussão de tão magno problema, dado que evidentes são as relações entre *turismo* e *regionalismo*. Todos os jornais concelhios têm alguns alvitres a apresentar, algumas sugestões a transmitir, algumas críticas a fazer, na convicção de que todos esses elementos possam ser uteis aos deputados dos respectivos distritos que, na Assembleia Nacional, chegarem a intervir na resolução imediata do problema do turismo. O nosso jornal, prosseguindo sempre na linha de colaboração regionalista e nacionalista, não pode deixar de exprimir a sua modesta, mas sincera opinião.

O turismo pode parecer, ao exame superficial das questões, apenas relacionado com a actividade dos transportes, com a indústria hoteleira, e com a propaganda especializada. Efectivamente, estes aspectos apresentam-se à organização técnica do turismo como dos mais relevantes e podem justificar a obsorção de altas receitas para normál andamento dos respectivos serviços. Explica-se que estes aspectos sejam até os mais importantes sob o ponto de vista central em que se situam as entidades oficiais.

Importa, porém, estimular o aperfeiçoamento dos centros de interesse que as regiões possam oferecer ao viajante e que justificam, afinal, a atracção dos turistas. O primeiro é, sem dúvida, *a paisagem*, e ao escrever esta palavra, como que estamos já anunciar um problema. E' indispensável «retocar», aqui e além, o quadro das nossas belezas paisagísticas, porque em vários pontos a intervenção da indústria humana nem sempre respeitou as normas artísticas. Lembremo-nos do exemplo e das lições do célebre escritor inglês John Ruskin. No nosso itenerário por caminho de ferro ou por estrada encontramos pequenos mas sucessivos defeitos que ofendem os olhos dos viajantee dotados de sensibilidade artística, defeitos que podem ir sendo eliminados logo que a uma brigada ds engenheiros e paisagistas seja confiada essa importante missão.

O segundo motivo atraente de turistas é constituido pelo conjunto dos *monumentos arquiológicos e históricos* que se encontram nas nossas povoações. Será, pois, indispensável que os serviços de turismo actuem em colaboração com as «Comissões de Arte e Arqueologia», existentes nos municipios, ampliando-se para tanto, se necessário for, as atribuições e os meios de acção dessas prestimosas entidades que funcionam junto das Câmaras Municipais.

Cremos que qualquer pessoa, medianamente culta, compreenderá o alcance das nossas observações.

O terceiro motivo que chama aos turistas ao nosso país é o *conhecimento das populações*, e em especial das características etnográficas de um povo que realizou uma admirável missão histórica e que deseja continuá-las nas condições actuais da civilização. Saber como são o *trabalho, a arte e os costumes do povo português* tal é o motivo de curiosidade de muitos turistas. E' indispensável, portanto, que em cada terra portuguesa exista uma entidade que aglutine, coordene e simbolize a vida popular.

Justamente porque a finalidade de cada um dos mencionados serviços do Estado não é de ordem turística, os problemas sociais que lhe costumam ser submetidos recebem solução indiferente ao ponto de visia dos observadores, nacionais ou estrangeiros. Importa, porém, que na futura organização dos serviços turísticos exista uma repartição especializada para coordenar o que até agora tem vivido disperso. Pode o turismo português vir a ser perfeito quanto a viagens, hoteis e propaganda; se não estimular o aperfeiçoamento da nossa paisagem e não a proteger dos actos de barbarismos; se não zelar pelo nosso património arqueológico e monumental; se não defender as tradições populares e os costumes regionais, em luta contra a tendência nefasta para a uniformização, o turismo perderá a sua razão de ser, isto é, o estímulo atraente da curiosidade dos estrangeiros.

Confiamos em que o nosso modesto parecer, aqui registado na intenção de servir o ideal nacionalista, não deixará de ser considerado pelas pessoas mais competentes que hão-de estudar o problema do turismo na Assembleia Nacional.

A ver se se evita demolir o que para todos os efeitos devia ser conservado.

X. Y.

Procissão da Cinza

Se o tempo o permitir, deverá realizar-se na quarta-feira, saindo, como de costume, da igreja de Santo António, próximo do Jardim Público.

E' dos maiores e mais esplendorosos cortejos religiosos que se efectuam em Aveiro e ao qual costumam assistir muitos milhares de pessoas, vindas de fora, atraídas pela sua imponência.

Incorporam-se, além da Ordem Terceira de S. Francisco, duas bandas de música.

Parabéns à Covilhã

Vai ser inaugurado solenemente nesta cidade da Beira Baixa o novo edifício com que a Administração Geral dos C. T. T. a dotou e cuja plaquette nos foi enviada, o que agradecemos. E' que, comparado o aspecto exterior, apesar da sua simplicidade, com a arquitectura do nosso, ali da Praça Marquês de Pombal, o da Covilhã suplanta-nos, mesmo sem frescos no interior...

A propósito de jornalismo

Recentemente, o sr. Paulo Freire, que de Lisboa contínua a escrever as suas *Várias Notas* para a secção mantida há muitos anos no *Jornal de Notícias*, do Porto, saiu-se com esta lição a certos ignorantes que se espalham por toda a parte e só supõem... coisas erradas:

«Pergunta-me um «leitor portuense» como se faz um jornal.

Com jornalistas e com tipógrafos.

Há muita gente que supõe que para se fazer um jornal basta um *Dr.* atrás do nome. Puro engano. Um jornal *faz-se* com o público, com o povo. O povo é que faz um jornal. E são os jornalistas que fazem um jornal para o povo. Sem isso pode *aguentar-se* um jornal desde que haja dinheiro para o *aguentar*. Mas não se faz. Eu sou já um poucochinho velho e vi como se fizeram alguns jornais. Como se fez o *Diário de Notícias*, como se fez *O Século*, como se fez este *Jornal de Notícias*, em que trabalho há 39 anos. Como se fizeram *O Dia*, do Moreira de Almeida; *A Capital*, do Manuel Guimarães; *As Novidades*, do Navarro e do Cohen. Fizeram-se com jornalistas que escreviam para o público e com o povo que os compreendia. Não é jornalista quem quer, nem quem se proclama como tal. Nasce-se jornalista, como se podia ter nascido corcunda ou vesgo. O jornalismo não é uma profissão, é uma vocação que em certos casos se tornou profissão.

Um grande escritor pode ser, e é quase sempre, um péssimo jornalista. O Eça esteve um dia na redacção das *Novidades* para redigir uma notícia de quatro linhas e ao fim de uma hora disse a um jornalista que a fizesse ele porque se não entendia *com aquilo*. E' histórico, toda a gente conhece este episódio. O Silva Graça, o Manuel Guimarães, o Aníbal de Morais, eram incapazes de escrever um artigo, mas tinham nas veias o fogo sagrado com que se fazem jornais. Eu tenho conhecido grandes jornalistas, meus camaradas, nesta comunicação com o público. O Silva Passos, o Mayer Garção, o Hermano Neves, o Herculano Nunes, o Jorge de Abreu, o Dr. Augusto de Castro, o Aprígio Mafra, o José Sarmento, o Armando Boaventura, e o Sá de Albergaria, o Sousa Martins, para só citar alguns, ao acaso, uns mortos, outros vivos, que foram autenticamente jornalistas. E foi com estes que se fizeram os grandes jornais do fim do século passado e do princípio do século actual.

* * *

Um jornal *faz-se* com o Povo. Ou o Povo lhe pega, e o jornal está feito, ou lhe não pega, e não se faz nunca. Ponham um qualquer à frente de um jornal, com todos os seus *talentos* e *habilidades*, a fazer malabarismos de títulos na primeira página, com muitos cortes e recortes, com um ansioso desejo do bonitinho, do catitinho, do delicodoce, e vejam o que acontece: o Povo, que é quem compra e quem paga, põe-se na posição do Senhor dos Passos da Graça, pé atrás por causa das dúvidas e aquilo não anda. Não vai. Não se faz. Porquê? Porque o Povo não lhe pega. O Povo só pega naquilo que lhe pertence, que lhe fala à alma, que corresponda aos seus desejos. *A Capital*, que era um jornal da tarde, chegou a tirar 45.000 exemplares e esgotava-se. As 8 horas da noite havia uma bicha no Chiado, desde o Largo das Duas Igrejas até o Rossio, à espera que ela saísse. Porquê? Porque tinha interesse, porque correspondia à ansiedade do momento, porque dava ao Povo o que o Povo exigia que lhe dessem. Um jornal não se faz com *talentos*, faz-se com jornalistas.

* * *

O Sá de Albergaria foi uma das grandes colunas fortes deste popularíssimo *Jornal de Notícias*. Porquê? Porque falava a linguagem do Povo, porque dizia no jornal o que o Povo *dizia* nas ruas, nos cafés, nas suas casas. *O De raspão*... não era uma secção feita para ganhar a vida. Era o Povo falando. Era o Povo pensando, meditando, criticando. Eu sei que os tempos eram outros. Eu sei. Mas os homens também são outros. Recorde-se o leitor do *Dia*. Lembra-se? Era feito por um só homem. Cada artigo era o jornal todo. Não se lê um artigo de dez colunas. Mas lia-se *O Dia*. Porquê? Porque o Grande Moreira de Almeida podia ser um mau político. Não discuto o ponto. Mas era um grande jornalista. Setenta por cento dos seus leitores não eram seus correligionários, eram seus adversários. Os seus artigos não eram lidos. Eram discutidos. Porquê? Porque tinham suco, Porque o seu autor não era um *talento*: erà um jornalista. Os *talentos* vão para a Academia. Os jornalistas fazem jornais.

* * *

Para que um fazedor de arti-

O TEMPO

Tivemos esta semana outra vez chuva, com granito à mistura, vento, frio, e sol de vez enquando. Uma espécie de salada russa, muito usada noutros tempos e que por isso se estranha agora. Fevereiro propriamente dito.

Abolição da gorgeta

Em presença do que acaba de dar-se com a subida do preço do café à chávena nos estabelecimentos da especialidade, os criados voltaram a manifestar-se, por intermédio dos respectivos Sindicatos, pela remuneração directa do seu trabalho, realizando-se já, em Lisboa, uma conferência com o sr. Subsecretário das Corporações, que prometeu estudar o assunto com a maior brevidade.

Vamos a ver o que sai.

O Carnaval

Não deve fazer diferença dos outros anos atrás os três dias que se vão seguir—domingo gordo, segunda e terça-feira de entrudo. Por isso não lhes dedicamos mais palavras, poupando o espaço para outros assuntos de mais importância.

O Carnaval! As máscaradas! As cégadas com música própria!

O movimento que aí ia nesses dias!

Eh pá! Como nós nos divertíamos a rir e a fazer rir os outros!

Não achas que era *bestial*—amigo velho?

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.

Festas da Cidade

—o—

No *Século* do dia 10 vem uma correspondência de Aveiro datada da véspera na qual se diz que a comissão nomeada para as levar a efeito acaba de decidir não as realizar devido a diversas dificuldades surgidas e, em especial, por se dar a circunstância das obras da ponte-praça sobre o canal central impedirem um maior movimento de pessoas e veículos.

Mas isto já nós tínhamos previsto em Novembro do ano passado, logo após uma reunião da Excelentíssima edilidade aveirense com várias pessoas para a troca de impressões sobre o assunto, perguntando: mas como se arranjarão as coisas de modo a estar desimpedido o centro da cidade para o trânsito dos forasteiros daqui a seis meses?

Tardou a resposta, mas veio.

* * *

Depois de escrita e já composta esta local, recebemos o que segue:

...Senhor Director do jornal O Democrata:

Para ser publicada no jornal de que V. é digno Director, junto remeto a nota oficiosa da Comissão Executiva das Festas da Cidade para o ano de 1950.

Aguardando a conta respeitante à publicação da referida nota, sou

Atenciosamente

De V. etc.

O Presidente da Comissão

FERNANDO MOREIRA

Segue a nota. Mas quanto à conta, permita-nos o sr. dr. Fernando Moreira que lhe digamos: a Comissão das Festas da Cidade nada tem a pagar-nos pela sua inserção como não teria nenhuma outra em igualdade de circunstâncias. *O Democrata* é um jornal pobre. Quem o dirige já passou por muitas vissicitudes, tendo, até, um dia, empenhado, além de outras joias, os brincos da esposa, que ela, num gesto nobre e decidido, arrancara das orelhas para juntar aos restantes valores que salvaram o periódico. Não é, pois, com a publicidade desta natureza que o *Democrata* conta viver. E sendo assim, nem sequer o sr. dr. Fernando Moreireira fica na obrigação de nos agradecer por termos sempre bem presente o que devemos à nossa amada terra.

Em reunião das forças vivas da cidade de Aveiro, oportunamente efectuada no Salão Nobre dos Paços do Concelho, foi designada a Comissão Executiva para as Festas da Cidade a realizar no ano de 1950.

Em sua primeira reunião, deliberou esta consultar o Comércio e a Indústria locais sobre as possibilidades financeiras para levar a efeito festas condignas da cidade de Aveiro.

Convocados na sua maioria a Indústria e a Comércio para uma reunião, primaram os convidados pela ausência.

Foi de parecer, o pequeno número dos presentes, de que as festas se não realizassem no corrente ano, não só pelas dificuldades económicas resultantes da crise actual, como também pelos inconvenientes resultantes das obras em curso nas pontes, no centro da cidade.

Os ausentes, com a sua não comparência mostraram, além do mais, o seu desinteresse absoluto pelo assunto e a consequente concordância com a não realização das festas.

Em face do exposto, a Comissão depõe o mandato que lhe foi confiado e comunica ao público aveirense as razões da sua acção.

Aveiro, 14 de Fevereiro de 1950

A COMISSÃO

Um pseudónimo

—o—

Recortamos de *O Concelho da Murtosa*:

Lemos no nosso prezado colega *Correio do Vouga*, de 28 de Janeiro último, um artigo assinado por «Ruy do Vouga», pseudónimo com que o malogrado poeta João Pedro da Silva Tavares, primo do director do *Concelho*, firmou várias obras da literatura nacional.

Neste caso só temos a dizer que o pseudónimo se acha registado. O resto é com a viúva ou com o editor do poeta das *Mulheres da Bíblia*.

Enrodilham tudo ..

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores

VIDA MILITAR

—o—

Atingido pelo limite de idade, passou ontem ao Quadro de Reserva o sr. coronel João Pereira Tavares, que estava a comandar o regimento de Infantaria 10, que por esse motivo abandonou.

Oficial brioso e inteligente, fez a sua carreira militar quase toda em Aveiro, onde constituiu família e é assaz considerado pela sua exemplar conduta e ainda devido a outros predicados que muito o enaltecem.

Distinguira-se em várias comissões de serviço e em França, a quando da guerra de 1914, chegou a estar prisioneiro dos alemães.

A oficialidade do regimento reuniu-se na quinta-feira num almoço de despedida e homenagem em que foram postos em relevo os predicados do distinto oficial, igualmente possuidor de honrosos louvores.

Pela classe dos sargentos foi-lhe oferecido um objecto de arte.

Ao deixar agora a actividade militar, os nossos desejos é que durante muitos anos ainda, gose a nova situação em que se encontra.

* * *

De visita aos quarteis dos regimentos de Infantaria 10 e Cavalaria 5, esteve esta semana em Aveiro o sr. general Manuel Bernardes Topinho, novo comandante da II Região Militar, com séde em Coimbra, que se fazia acompanhar do respectivo ajudante.

Foram-lhe prestadas honras militares, recebeu os cumprimentos dos comandantes das duas unidades e da oficialidade da guarnição, tendo percorrido as dependências de ambos os quarteis para se inteirar das suas necessidades.

Dizem-nos que levou as melhores impressões.

Modernismo...

—o—

Os restaurantes Aquário e Mariscos, de Lisboa, anunciam que nos bailes carnavalescos, com ceias a partir das 23 horas, é obrigatório o trajo de noite.

A moda deveria ter vindo, como quase todas, de Paris.

Que, nesse particular, dá as cartas...

gos se leia, é necessário que seja, acima de tudo, jornalista, mesmo que não exerça a profissão. Cito dois exemplos. Dois exemplos de casa. O Ramada Curto e Henrique Galvão. Que admiráveis jornalistas. Têm público, quer dizer: têm Povo. Porque ser jornalista, não é escrever coisas bonitas: é escrever coisas que estejam na alma e, nas ansiedades, nos desejos do Povo.

Evidentemente, uma coisa é fazer jornalismo para agradar aos que pagam, outra fazê-lo para agradar ao Povo. Quem paga os jornais é o Povo. Não são as academias. Um jornal pode ser *muito bem feito*, e não prestar para nada. Pode ser, na opinião de certos talentos, muito mal feito, e vale uma fortuna. Quantas vezes me disse o meu saudoso amigo Aníbal de Morais: «Eu não faço o jornal para os que passam a vida a fazer parede nas Cardosas, mas para o Povo que é quem mo compra». Por isso o *Jornal de Notícias* foi sempre o jornal do Povo, feito para o Povo, em defesa do Povo. A's vezes está na disposição de um artigo a sua valorização. Paginar um jornal é das coisas mais difíceis que há dentro do jornalismo.»

Assoem-se a este guardanapo...

MUSICA

—o—

A Delegação do Círculo de Cultura Musical deu-nos mais um concerto — o 22.º — que se realizou na sexta-feira da semana passada, no Teatro Aveirense, com a apresentação do Quinteto Instrumental Pierre Jamet. O magnífico conjunto artístico era composto daquele harpista, do flautista Gaston Crunelle, do violinista René Bas, do violetista Georges Blanpain e do violoncelista Robert Krabansky, todos elementos de primeira ordem, segundo nos informam.

A circunstância do nosso cronista não ter assistido ao concerto por falta de saúde, levanos a fazer esta simples notícia, apenas, sôbre a passagem pela nossa terra do afamado Quinteto, que recebeu da assistência, que o escutou atentamente, nutridos aplausos.

CALENDÁRIO-BRINDE

Pela Ourivesaria Vilar, desta cidade, foram-nos oferecidos tres, de algibeira, que além de reclamar os artigos do seu estabelecimento, fornece indicações de muita utilidade e ainda é valorizado, na capa, com um sugestivo trecho da ria, em miniatura.

Agradecemos.

Bomba lubrificadora

Achou-se entre Aveiro e Ilhavo. Entrega-se a quem provar pertencer-lhe, pagando êste anuncio.

O arvoredo

—o—

Da secção — *Várias Notas* — que o *Jornal de Notícias* inseriu no pretérito sábado:

Mandam-me de Aveiro um postal com a vista da Avenida Dr. Lourenço Peixinho tal como existia antes de lhe deitarem abaixo as árvores. Não era preciso. Lembro-me muito bem dela, das suas árvores e do seu belíssimo aspecto.

Deve de ser — é com certeza — a mesma que *O Democrata* publica no seu último número com esta legenda:

«Esta vista é a da grandiosa Avenida Dr. Lourenço Peixinho que liga o centro da cidade com a estação do caminho de ferro e cujo arvoredo, como temos dito, acabou de ser destruido à ordem da vereação municipal, vendo-se por isso agora completamente nua, desprovida da riquíssima sombra que proporcionava durante o Verão a quantos por ela passavam e se compraziam no goso das suas delicias.

A contrastar: vimos esta semana um aspecto da linda cidade de Mont Vernon (Estados Unidos) considerada modelo das cidades de provincia norte-americanas. Possui 14.000 habitantes e não existe nela uma única rua ou avenida sem árvores».

Não é preciso ir tão longe... Basta dar um salto a Lisboa e percorrer as nossas Avenidas e as nossas ruas, de há dez anos a esta parte. Não sei o que se passa nos Estados Unidos, mas sei o que se passa no Brasil, no Uruguay e na Argentina (América do Sul) onde o culto da árvore é uma *religião* do Estado, das Câmaras e dos particulares.

* * *

E sei o que se passa em Paris e em Londres, no capítulo *árvores*. Que maravilha! Avenidas, ruas, praças, largos, jardins, por toda a parte árvores famosas.

Era lá possível nalgum destes países ler-se isto que um dia destes vinha no *Século?*

«Barroca (Fundão), 5 — A milenária sobreira do Valinho Santo, que já era árvore quando, há vários séculos, a primitiva povoação do casal de S. Sebastião, coeva dos mouros, que deu origem a esta localidade, foi agora vendida e está a ser transformada em lenha, que para outra coisa já não serve o seu velhinho tronco, carcomido pelas intemperies de muitos séculos.

Não é, porém, sem uma certa comoção, aliás justificada, que os habitantes desta localidade, vêem desaparecer esta velhissima arvore da qual os seus antepassados falavam com carinho e respeito e que no entender das pessoas mais idosas e sabedoras, deveria ser a árvore mais velha do concelho do Fundão».

Lá fora esta árvore era «monumento nacional» intangível e inalterável, protegida e defendida pelo Estado, pela Câmara e pelo povo. Ali em cima, na Barroca do Fundão, foi vendida a patacos para satisfazer a mísera cobiça não sei de quem! E não tremeram as mãos que lhe deram as primeiras machadadas!

Uma sobreira coeva dos Mouros! Uma sobreira com mais de mil anos de existência que aguentou mil Invernos, milhares de ventanias e de ciclones, que foi respeitada pelos raios que cortam os espaços em dias de trovoada agreste, que resistiu e cresceu, e deu sombra a milhares de gerações — essa sobreira perante a qual os portugueses tinham a obrigação de se descobrirem, saudando-a, não resistiu agora ao machado para que o seu tronco velhinho de tantos séculos servisse de pasto à bocarra de um forno!

Não. Diante disto os de Aveiro são quase uns *beneméritos*...

E a pena recusa-se-me a escrever a justa condenação.

Há palavras que os dicionários não registam...

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, o estudante Celso Peres Jorge, filho do nosso amigo José dos Santos Jorge, guarda-livros no Porto; ámanhã, as sr.as D. Maria Estela Pereira Ferreira, esposa do sr. Carlos Ferreira, comerciante em Viseu, e D. Natália de Lemos Peixinho Fragoso, esposa do sr. Mário Nunes Fragoso, actualmente em Lisboa, e o sr. Manuel da Silva, residente na capital, no dia 20, o sr. Mário dos Santos Veiga e o estudante Mário Carlos Gomes Gamelas, filho do sr. coronel Amilcar Mourão Gamelas; em 21, a sr.a D. Maria Emília Andrade Rino, esposa do sr. António Massadas Rino, factor de 2.a classe dos caminhos de ferro da C. P; em 23, a sr.a D. Rosa de Matos Gonçalves, esposa do sr. Abel Gonçalves, e em 24, os srs. Luís António D. da Fonseca e Silva e José Rabumba (o Aveiro) heroico lobo do mar, com residência em Leixões.

Gente nova

No Instituto Maternal de Coimbra teve o seu feliz sucesso, dando à luz um menino, a sr.a D. Maria Emília Martins Carvalho Pires, esposa do sr. Manuel Joaquim Pires, proprietário da Ourivesaria Ruby, da Guarda, e filha da sr.a D. Tereza de Jesus Vieira da Costa.

Com as nossas felicitações aos pais e avó do neófito, muito estimamos que a felicidade o bafeje.

Atenção para a 4.ª página

Aos anunciantes de "O Democrata,,

A quem tiver de anunciar nas colunas deste jornal roga-se a fineza de enviar à Redacção os respectivos originais, o mais tardar até ao meio dia de quinta-feira, a-fim-de evitar atrazos na sua confecção, visto ter horas certas de entrar na máquina e de ser enviado, depois de impresso para o correio.

Atenção, pois, srs. anunciantes.

Casa em Ilhavo

Aluga-se para qualquer ramo de negócio com 4 portas de frente, balcões, estantes, residência com 6 divisões, quintal, etc.

Aqui se informa.

"Matinée,, infantil

Realiza-se ámanhã, no salão de festas da Sociedade Recreio Artístico, dedicada aos filhos dos sócios daquela antiga colectividade.

E' promovida pela Direcção, que nos convidou para assistir, o que agradecemos.

Agradecimento

João Baptista do Amaral Brites, 1.º sargento de Infantaria 10, em convalescença da operação a que foi submetido no Hospital de Águeda, vem por esta forma manifestar o seu reconhecimento às pessoas que se interessaram pelo seu estado durante o tempo que ali esteve internado.

Aveiro, 13-Fevereiro-950

Perdeu-se no dia 4, do Teatro Aveirense à Praça do Peixe, um broche de brilhantes. Gratifica-se quem o entregar nesta Redacção.

CARTAZ

Cine-Teatro Avenida

PROGRAMA

Sábado, 18 (às 21,30 h.)
Domingo, 19 (às 15,15 e 21,30 h.)
Terça-feira, 21 (às 21,30 h.)

Bailes de Máscaras

Quarta-feira, 22 (às 21,30 h.)

O conde de Luxemburgo

Quinta-feira, 23 (às 21,30 h.)

As pupilas do Senhor Reitor

Em 25:

Do mesmo sangue

Teatro Aveirense

PROGRAMA

Sábado, 18 (às 21,15 h.)

A Grã-Duquesa diverte-se

Domingo, 19 (às 21,15 h.)
Segunda-feira, 20 (às 21,15 h.)
Terça-feira, 21 (às 21,15 h.)

Bailes de Máscaras

Quarta-feira, 22 (às 21,15 h.)
Quinta-feira, 23 (às 21,15 h.)

O sinal do Zorro

NOBRE GESTO

—o—

A senhora Conceição Simões da Silva, casada com o sr. Francisco Simões da Silva, industrial de padaria em Esgueira, tendo-lhe adoecido gravemente uma irmã, prometeu, se ela melhorasse, trazer para sua casa, criar e educar uma criança orfã de pai e mãe.

Como a doente se restabelecesse, aquela senhora resolveu dar início ao cumprimento da sua promessa e, para isso, indagou por várias partes aonde seria possível encontrar uma criança naquelas condições. Como, porém, não lhe fosse possível encontrar criança orfã de pai e mãe, mas apenas uma orfã de um dos seus progenitores, trouxe a para sua casa, já há tempos, e lá lhe está tratando da saúde do corpo e da alma.

Mas aquela bondosa senhora não andava satisfeita com a sua consciência, por a sua promessa não estar sendo rigorosamente cumprida, pois tinha prometido para uma orfã de pai e mãe, e a que tinha era-o apenas de um deles.

E então, como soubesse que na Gafanha da Nazaré tinha falecido recentemente um pescador do bacalhau, já viúvo, que deixara 6 filhos menores na orfandade, foi ali e trouxe um deles, de 4 ou 5 anos de idade, para acabar de criar em sua casa.

Sabe-se ainda que esta senhora já tem praticado mais actos da natureza destes para com outras crianças, creio que seus parentes.

Comentários acerca destes nobres gestos não os posso fazer, porque, apesar da nossa língua ser rica em adjectivos, eu não encontro nela os de grandeza comparada com tais actos para os usar aqui.

Só direi que o meu coração, muito sensível a nobres gestos como estes, vibra de satisfação, e ainda mais, por serem praticados por uma mulher do povo e sem meios de fortuna.

Bem haja, minha senhora!

Que a Providência lhe dê muita vida e saúde para continuar a fazer bem neste Mundo tão cheio de hipocrizia e de egoísmo, são os desejos do

CAGARÉU ADVENTÌCIO

Banco Regional de Aveiro

AVISO

Avisam-se os Accionistas dêste Banco que o coupon n.º 17, referente ao dividendo de 1949 10%, estará em pagamento a partir do dia 1 de Março próximo futuro, cabendo:

Esc. 8$33 a cada acção nomeativa;
Esc. 8$43 a cada acção ao portador, registada;
Esc. 7$35 a cada acção ao portador não registada.

O pagamento será efectuado na sede do Banco, em todos os dias úteis, excepto aos sábados.

Aveiro, 6 de Fevereiro de 1950

A DIRECÇÃO

Atenção para a 4.ª página

Despedida

Casimiro da Silva Lopes (ex-empregado da *Ourivesaria Vieira, L.da*) na impossibilidade de se poder despedir de todas as pessoas das suas relações, de quem recebeu provas de carinho e amizade, vem por este meio confessar a sua eterna gratidão e oferecer os seus limitados préstimos nesta cidade onde é sócio-gerente da *Ourivesaria Pires dos Santos & Lopes, L.da.*

Viana do Castelo, 6 de Fevereiro de 1950.

MANUEL SACRAMENTO MARQUES

Agradecimento

A família do desditoso Manuel Sacramento Marques, na impossibilidade de o fazer directamente a todos, vem manifestar a todas as pessoas que a acompanharam na sua dôr, o seu profundo reconhecimento, e muito especialmente aqueles que acompanharam o seu querido filho e irmão ao cemitério de Benfica em Lisboa.

Parte de casa

Cede-se a casal sem filhos (quarto, sala e casinha indipendente).

Aqui se informa.

PADARIA

Trespassa-se com a cosedura de 90 sacas toda vendida ao balcão no centro do Tramagal.

Dirigir a Ricardo Ferreira Cravo—TRAMAGAL.

Trespassa-se

estabelecimo de mercearia, vinhos e casa de pasto com excelentes condições para negócio, com carvão e lenha. Tem espaçoso quintal e casa de habitação. Renda em conta. Motivo de retirada do seu proprietário.

Vêr e tratar na Rua de Ilhavo, n.º 27, em frente ao posto da Polícia de Trânsito.

Aluga-se a loja onde esteve a Ourivesaria Vilaça, na Rua Manuel Firmino, servindo para escritório. Dirigir à Rua Tenente Rezende, n.º 8.

SALA para escritório ou outro fim, independente, com janela para a rua, no rez-do-chão, arrenda-se na Rua do Sol, n.º 10. Dirigir ali.

Piano

Vende-se, francês, com cordas cruzadas, na *Papelaria Vianense*, Rua Viana do Castelo, 20—AVEIRO.

Terreno

Vende-se, na Avenida Araujo e Silva. Para tratar na *Mercantil Aveirense*, Rua João Mendonça—AVEIRO.

BOMBA COM DÍNAMO

Vende-se. Aqui se informa.

O DEMOCRATA devido ao escol de assinantes que possue, à sua expansão e ao interesse com que é recebido todas as semanas pelos seus numerosos leitores, chama-lhes a atenção para os anuncios que publica e fazem parte integrante do valor adquirido como jornal dos mais preferidos no nosso meio e adjacências.

Em Estarreja

Vende-se um prédio de rendimento, próximo da estação do caminho de ferro; outro ao norte do esteiro com 3.000m de terreno que pode servir para comércio ou indústria; outro em frente à *Sapec*, com 3.400m, e ainda outro no Moranzel da Torreira com a área de 150.000m.

Nesta Redacção se informa.

Carvoaria e lenha

Trespassa-se ou aluga-se armazém. Informa Maria Lopes do Casal, Rua Recreio Artístico, 9—AVEIRO.

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,21 (correio)	0,24 (correio)
5,50 (tram.)	7,43 (tram.)
6,54 (mixto)	9,19 (rápido) [1]
8,05 (tram.)	11,13 (tram.)
12,56 (rápido)	12,20 (correio)
13,06 (tram.)	15,33 (tram.)
17,24 (tram.)	19,28 (rápido)
19,25 (correio)	21,50 (mixto)
20,56 (tram.)	Do Porto chegam tram. às 19,03 e 21,07 que não seguem.
22,59 (rápido) [1]	

(1) Só se efectuam às terças, quintas-feiras e sábados.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,55	7,31
15,15	10,48
17,38	19,12
20	23

NECROLOGIA

D. Maria Augusta Oudinot Almeida

O seu falecimento ocorrido a semana passada, conforme noticiámos, penalizou quantos a conheciam e avaliavam a elevação dos seus sentimentos e das suas virtudes.

No funeral incorporaram-se, além de um numeroso grupo de senhoras das suas relações de amisade, muitas outras pessoas de todas as categorias sociais, destacando-se, entre elas, magistrados, professores, oficiais do Exército, comerciantes, etc., que com os bombeiros formavam extenso cortejo.

Conduzia a chave da urna o sobrinho, sr. António Veríssimo de Sousa, que de Leiria veio tomar parte nas últimas homenagens que lhe foram prestadas, e alguns ramos de flores foram colocados sobre a urna como preito de saudade.

Renovamos as nossas condolências a toda a família, e em especial, à sr.ª D. Maria do Carmo Rangel de Quadros Oudinot Larcher, irmã da extinta, na companhia de quem vivia; a sua cunhada a sr.ª D. Belmira Oudinot, e aos sobrinhos, entre os quais o sr. Trajano José Oudinot Larcher que em Aveiro se encontra, com sua esposa e filha, a passar algum tempo.

* * *

No bairro de Sá finou-se ao anoitecer de domingo o estudante Manuel Ildefonso Marques Mano Guimarães, natural de Oliveira de Azemeis e filho do sr. Alvaro Ferreira da Silva Guimarães, funcionário do Instituto Nacional do Trabalho.

O inditoso moço desaparece na primavera da vida—17 anos, apenas—tendo-se realizado o enterro, no dia seguinte, para o cemitério sul com grande acompanhamento.

Aos desolados pais e restante família, as nossas condolências.

* * *

Também acabou os seus dias o sr. José Maria dos Santos Vítor, empregado da secretaria do Comando da Polícia, aposentado, e a quem uma pertinaz enfermidade há longos meses impossibilitara de sair à rua.

O extinto, que aliava à delicadeza das suas maneiras, predicados que lhe grangearam simpatias, tinha agora 71 anos, deixando viuva e um filho, aos quais manifestamos o nosso pesar.

* * *

Faleceram mais: no *Bonsucesso*, Maria de Jesus Fernandes, de 82 anos, casada com António Fernandes; na *Póvoa do Paço*, Maria Simões de Moura, viuva, de 81; em *Mataduços*, Gaspar Henriques, casado, de 50; em *Aradas*, Maria Gomes Amaro, viuva, de 74, e em *Esgueira*, Maria José Nunes da Silva, viuva, de 77.

Correspondências

Costa do Valado, 16

A iluminação pública deixa muito a desejar nesta localidade, mercê do que somos impelidos a chamar para o caso a atenção de quem de direito, como é nosso dever.

Seremos atendidos? Ou será preciso voltar á estacada?

—Uma coisa que também está a pedir que, sem demora, sejam tomadas as necessárias providências, é a substituição da caixa do correio da estação do caminho de ferro de Quintans, pequena demais para conter toda a correspondência lançada até à hora do comboio da noite, que a costuma levar. Fazendo nossos os reparos dos interessados, pedimos ao sr. Director dos C.T.T. que se esforce pela sua substituição por outra maior como se impõe e é de justiça.

C.

TRIBUNAL DO TRABALHO

ANÚNCIO

2.ª publicação

Pelo Tribunal do Trabalho de Aveiro, e no processo de execução em que é exequente o digno Agente do Ministério Público junto deste Tribunal, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Adelino Pinto Ribeiro, residente em Alposses, Riomeão, concelho e comarca da Feira, para no prazo de dez dias, posteriores aos dos éditos, virem à dita execução deduzir os seus direitos e requererem o que tiverem por conveniente, nos termos dos Artigos 864.º e seguintes do Código de Processo Civil.

Aveiro, 10 de Fevereiro de 1950.

O Juiz,

a) *António A. de Oliveira Gala*

Pelo chefe de secretaria,

a) *Rui Vicente Ferreira*

TRIBUNAL DO TRABALHO

ANÚNCIO

2.ª publicação

Pelo Tribunal do Trabalho de Aveiro, e no processo de execução em que é exequente o digno Agente do Ministério Público junto deste tribunal, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada firma Leite Ferreira & Irmãos, L.da, com sede em Ponte Nova, Paços de Brandão, concelho e comarca da Feira, para, no prazo de dez dias, posteriores aos dos éditos, virem à dita execução deduzir os seus direitos e requererem o que tiverem por conveniente, nos termos dos artigos 864.º, e seguintes do Código de Processo Civil.

Aveiro, 10 de Fevereiro de 1950

O Juiz,

a) *António A. de Oliveira Gala*

Pelo chefe de secretaria,

a) *Rui Vicente Ferreira*

ANUNCIO

1.ª publicação

Faz-se saber que por este Segundo Tribunal, 1.ª secção da Secretaria Judicial da comarca de Aveiro, foi, a requerimento de António E. Brito, comerciante e industrial da cidade de Lisboa, declarado em estado de falencia, a firma *Teixeira, Ferreira & Freire, Limitada*, proprietária do «Café Caravela» sito na Rua João Mendonça, n.º 13, desta cidade, sendo fixado o prazo de 15 dias para a reclamação dos créditos, o qual começará a contar-se da segunda publicação deste anúncio, nos termos do art.º 1.144.º do Cód.º do P. Civil.

Aveiro, 7 de Fevereiro de 1950

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito do 2.º Tribunal,

José Luís de Almeida

O Chefe da 1.ª Secção,

Fernando da Rocha Pereira

TRIBUNAL DO TRABALHO

Anúncio

1.ª publicação

Pelo Tribunal do Trabalho de Aveiro, e no processo de execução em que é exequente o digno Agente do Ministério Público junto deste Tribunal, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada firma Alvaro Ferreira Tavares, com sede em S. João da Madeira, para no prazo de dez dias, posteriores aos dos éditos, virem à dita execução deduzir os seus direitos e requererem o que tiverem por conveniente, nos termos dos artigos 864.º e seguintes do Código de Processo Civil.

Aveiro, 17 de Fevereiro de 1950

O Juiz,

António A. de Oliveira Gala

Pelo chefe de secretaria,

Rui Vicente Ferreira

« O Democrata »

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano) .	30$00
Semestre . .	15$00
Colónias (Ano) .	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso .	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.